

O FOUCAULT DE RICHARD RORTY

The Foucault of Richard Rorty

Thiago Costa Santos Carrilho Siqueira¹

Resumo: Este trabalho procura apresentar uma visão geral da perspectiva do filósofo Richard Rorty acerca do pensamento foucaultiano, principalmente seu posicionamento em relação à autonomia privada e a posição dos seres humanos em relação às determinações imperativas das sociedades nas quais se incluem.

Palavras-chave: Autonomia, Poder, Foucault, Sociedade.

Abstract: This paper tries to present a general view of the perspective of the philosopher Richard Rorty towards Michel Foucault's thoughts, most of all his positioning about the private autonomy and the human position in front of the imperative determinations of the societies in whose they are included.

Keywords: Autonomy, Power, Foucault, Society.

Introdução

O pensamento rortiano, amplamente caracterizado por seu comprometimento com, a autonomia privada e o pragmatismo, tem também um claro posicionamento ético de valoração do liberalismo, de forma mais específica, relacionando-se principalmente ao modelo de democracia americana, tido por ele como um sistema, que, se não ideal, seria pelo menos o mais próximo disso que as sociedades humanas conseguiram se aproximar durante sua escalada ao longo da história. Apesar de ser agressivamente contrário a qualquer tipo de conceito metafísico, Rorty acredita ser possível fazer esse tipo de valoração baseando-se em critérios práticos, dentre os quais pode-se colocar como principal ideal, a redução do sofrimento humano. Não se tratará aqui de forma aprofundada dos motivos e dos argumentos dados por Rorty para embasar o seu corpo teórico. O objetivo é apenas relacionar pontos de destaque de seu pensamento, de modo tornar possível uma análise dos motivos do conflito existente entre as bases do seu pensamento em relação ao de Foucault.

¹ Mestrando em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí.

Partindo desta análise inicial dos “nortes” da produção intelectual de Rorty é possível desde logo compreender a sua incompatibilidade com o pensamento de Michel Foucault, que, ao contrário, não buscou em sua obra (pelo menos de modo geral), se posicionar valorativamente por qualquer modelo de sistematização social, buscando simplesmente um diagnóstico das estruturas das sociedades humanas e das razões de suas modificações. Em um trecho de um dos artigos da obra *Microfísica do Poder* (1981, p. 60-61), discutindo tópicos relacionados à existência de uma justiça popular, vemos uma demonstração desse aparente desprendimento do autor, que quando questionado sobre qual seria a forma de se normalizar uma justiça popular, responde que esta deveria ser inventada, limitando-se a afirmar que a forma do tribunal deveria ser evitada.

Apesar de claramente distintos os modos de pensar desses pensadores que foram contemporâneos, Rorty, em artigo intitulado *Identidade moral e autonomia privada: o caso de Foucault* apresentou pontos de concordância com alguns de seus posicionamentos, principalmente no que concerne às questões de contingência e individualidade. Rorty apresenta pontos de aproximação entre o pensamento de Foucault com Dewey e coloca também pontos de crítica de pensadores liberais (entre eles Habermas) em relação às teorias do Filósofo Francês. O tom geral do texto produzido pelo autor americano entretanto é de crítica, como não poderia deixar de ser, dado o caráter discrepante dos valores focados nas obras de cada um.

O comprometimento com um ideal

Rorty inicia o artigo *Identidade moral e autonomia: O caso Foucault* com uma análise do comprometimento de vários filósofos com a formação de uma identidade autônoma, incluindo entre estes Heidegger e Nietzsche, e colocando na discussão a ideia de que a formação dessa identidade acabaria gerando conseqüentemente uma posterior associação de cada autor com esta identidade como mais adequada. Aqui é feita uma diferenciação do pensamento Foucaultiano, pois segundo Rorty:

Foucault foi, por muito tempo, o que se pode chamar de um “cavaleiro da autonomia”. Ele quis inventar sua própria identidade privada tanto quanto Nietzsche. Mas, diferentemente de Nietzsche, ele não impeliu ninguém a se engajar nesse esforço. (RORTY, 1999. P. 258)

Apesar disso, para Rorty, também houve momentos na produção de Foucault em que ele sentiu a necessidade de projetar essa autonomia no espaço público, embora afirme que estes sejam momentos isolados que não se observaram em caráter majoritário em sua obra. Isso seria o motivo para a existência de críticas por parte dos autores liberais americanos, que aparentemente esperavam que Foucault tivesse um maior engajamento de modo a se posicionar e demarcar realmente qual sua opinião acerca das estruturas que ele tão detalhadamente analisou e descreveu. A insatisfação de Rorty com a ausência de posições definidas por parte de Foucault pode ser observada claramente na seguinte passagem:

Você nunca adivinaria, a partir da avaliação de Foucault das mudanças nas instituições européias durante os últimos trezentos anos, que durante esse período o sofrimento decresceu consideravelmente, nem que as chances das pessoas escolherem seus próprios estilos de vida cresceram consideravelmente. (RORTY, 1999, p. 259)

Essa posição crítica é facilmente compreensível de acordo com as questões de maior atenção de Rorty, já que este ao longo de sua obra demonstrou forte preocupação com a superação do sofrimento, crendo na evolução da sociedade humana ocidental com base nesse critério. Para ele, Foucault pecaria por descrever mecanismos de dominação da população, como se estes apenas determinassem mudanças não passíveis de valoração, o que não seria verdade, dadas as melhorias de qualidade de vida observadas ao longo do desenvolvimento histórico ocidental.

A recorrente abordagem do poder também é objeto de comentários de Rorty, que a caracteriza como ‘permeada por uma ambiguidade mutiladora entre “poder” como um termo pejorativo e “poder” com um termo neutro, descritivo.’ (1999, p. 259). Para ele, esse segundo aspecto seria vazio de interesse, por não ter qualquer significado, focando sua análise em uma temática desprovida de qualquer conteúdo importante.

Rorty acredita que os motivos por trás dessa obsessão estão relacionados a um interesse pessoal de Foucault em desenvolver sua própria identidade. Esse desenvolvimento, aparentemente desvinculador, seria em verdade a chave da tentativa do autor de ajudar seus semelhantes de forma a permitir o desenvolvimento de vocabulários pessoais de cada um. Rorty afirma ainda que apesar do alto grau de dificuldade nesta empreitada, a mesma seria possível. Foucault entretanto teria pecado por não ter sido capaz de realizar uma maior separação entre essa busca de identidade autônoma, com a identidade moral de cidadão, senão vejamos:

O objetivo de auto-superação e auto-invenção do intelectual romântico parece-me um bom modelo (entre muitos outros bons modelos) para um ser humano individual, mas um péssimo para uma sociedade. Não deveríamos tentar encontrar um correlato societário para o desejo de autonomia. (RORTY, 1999, p. 261)

Para Rorty, a justificativa do modelo liberal de sociedade não está numa criação de mecanismos mais eficientes ou numa dominação cada vez mais sutil de modo a individualizar suas populações e criar um situação de onipotência que impede qualquer resistência, “mas simplesmente tornar tão fácil quanto possível para as pessoas alcançarem seus propósitos privados, radicalmente diferentes, sem ferirem umas às outras”(RORTY, 1999, p. 261).

Em uma análise bastante clara das motivações de Foucault, Rorty afirma que aquele inverteu as tentativas clássicas da filosofia de lançar por terra a distinção entre as esferas públicas e privadas ao afirmar que a subjetividade humana está contingentemente relacionada a situações contingentes, não havendo qualquer conteúdo metafísico capaz de ser diferenciado ao longo do tempo. É exatamente essa explicação que leva Foucault a desenvolver um corpo teórico que tradicionalmente trabalha com a perspectiva de que qualquer instituição social carece de legitimação, pois seriam meros frutos de uma contingência que lhes propiciou o surgimento. É o que se pode observar na seguinte passagem da autoria deste:

É verdade que é a sociedade que define, em função de seus interesses próprios, o que deve ser considerado crime: este, portanto não é natural” (FOUCAULT, 1983, p. 94)

Apesar de concordar com a ausência de caracteres a-históricos inerentes à condição humana, Rorty discorda da afirmação de que esta ausência teria algum significado político importante pois “considerar a subjetividade humana como um feixe sem centro de contingências... é compatível com qualquer tipo de política, inclusive a política liberal (RORTY, 1999, p. 262).

A obra de Foucault, diferentemente da de Rorty, não se aprofunda na análise do que seriam conquistas qualitativas desenvolvidas no modo de vida do ser humano, tendo como foco maior o modo como se desenvolvem as relações dos seres humanos entre si e seu ajuste ao desenvolvimento de formas de organização social cada vez mais complexas, como se observa quando o autor afirma que ‘O próprio termo “poder” não faz mais que designar um [campo] de relações que tem de ser analisado por inteiro, isto é, a maneira como se conduz a conduta dos homens, não é mais que uma proposta de grade de análise para essas relações de poder.’ (FOUCAULT, 2008, p. 248).

Filósofo ou poeta?

Rorty busca afastar algumas das críticas dos filósofos liberais a Foucault ao afirmar que o mesmo está certo em sua cisão com o platonismo na sua busca por esta identidade a-histórica, mas discorda que esta tenha determinado qualquer aspecto negativo em relação às sociedades liberais, ou mesmo em relação a “qualquer rede de poder que seja destinada a forjar indivíduo, indivíduos com um sentido de responsabilidade moral” (RORTY, 1999, p. 262). Divisa-se aqui o critério de Rorty para definir o que poderia ser este “sentido de responsabilidade moral”, relacionando-o sempre à idéia de um modelo social baseado na preocupação com a redução do sofrimento em seus membros, numa clara alusão à idéia de *welfare state*.

Foucault é defendido também das críticas de relativismo, algo que Rorty afirma ser irrelevante, dado o abandono ao universalismo presente na obra daquele, o que denotaria uma total despreocupação com a idéia de relativismo. Mas nesse momento surge um claro ponto de cisão entre os pensamentos dos autores: Rorty afirma que Foucault deveria ter respondido às questões “de que lado você está?” e “quais são seus valores?” afirmando ser um companheiro enquanto cidadão mas retirado em si mesmo enquanto filósofo, com interesses que dizem respeito simplesmente a sua individualidade.

O autor justifica a rispidez desse comentário ao afirmar que o mesmo se tornaria menos chocante com a substituição do termo “filósofo” por “poeta”, pois para ele:

Foucault, como Nietzsche, foi um filósofo que reclamou para si os privilégios de poeta. Um desses privilégios é perguntar “O que a validade universal tem a ver comigo?” Penso que os filósofos estão tão habilitados para este privilégio quanto os poetas, e assim penso que essa questão é uma réplica satisfatória. (RORTY, 1999, p. 263).

Por fim, Rorty conclui afirmando que essa questão retórica não necessariamente precisa resultar no questionamento do engajamento de um filósofo em relação a seus pares. Pare ele essa busca pelo alívio dos sofrimentos pode existir sem necessariamente ser a coisa mais importante na vida de alguém. E esta seria a posição em que se encontra Foucault, como um “cavaleiro da autonomia”.

Foucault, segundo afirma Rorty, querendo ou não, foi um cidadão de uma sociedade liberal e contribuiu para a melhoria das suas instituições, mas deveria ter se sentido mais à vontade com essa posição.

O problema na utilização de tal tipo de parâmetro para a avaliação de uma obra é que aquele parece enquadrar em um limite determinado o que seriam os conteúdos de relevância e o que determinaria a importância de uma reflexão acerca daqueles conteúdos.

Por mais que se admita o acerto de algumas das afirmações realizadas por Rorty quanto à obra de Foucault, não parece correto entender que este realmente afastou sua vivência pessoal de sua obra. A ausência de uma clara disposição do autor francês a respeito de seus interesses políticos ou sobre as “conquistas” humanas parece estar mais relacionada ao foco de sua pesquisa, que rumou para aspectos mais relacionados aos mecanismos de funcionamento estrutural das sociedades e não para o desenvolvimento dos valores culturais observados ao longo da história.

Considerações finais

Verifica-se que, no entendimento de Rorty, há inúmeros pontos de aproximação entre seu pensamento e o de Foucault, principalmente no que concerne à importância dada à contingência e à superação da busca por valores a-históricos inerentes ao ser humano. De acordo com esta mesma premissa, ambos os filósofos parecem ter desenvolvido uma obra grandemente baseada em análises históricas relacionada ao desenvolvimento social do ser humano, mas através de perspectivas diferentes.

Essa correspondência sofre um abalo exatamente quando se passa a analisar as questões sociais sob um ponto de vista direcionado à avaliação sobre a existência ou não de uma evolução em suas estruturas, quando então os dois divergem largamente em sua abordagem. Foucault de maneira geral procurou uma análise descompromissada e pretensamente cética. Rorty ao contrário permeou sua obra com inúmeros aspectos valorativos, com a afirmação de uma evolução constante da condição humana. Desta discordância surgiram as afirmações de Rorty no artigo utilizado como base para este texto.

Pelo apresentado pode-se afirmar que o Foucault de Rorty seria então um pensador sofisticado, mas que fugiu da dificuldade de relacionar seus interesses privados com os compromissos necessários a formação de uma sociedade, permanecendo, segundo o autor americano, demasiadamente em um “limbo” de interesses autônomos que resultaram em um relativo esvaziamento das propostas que apresentou.

Rorty, como filósofo pareceu, para que pudesse se permitir apreciar sem ressalvas a obra do autor francês, ansiar por algo que Foucault nunca esteve disposto a dar: posicionamentos e engajamentos. Apesar da diferenças apresentadas, é inegável a importância do diálogo entre as obras de tão importantes pensadores da segunda metade do século XX, numa demonstração da riqueza do desenvolvimento teórico realizado no período.

Referências

RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros: escritos filosóficos 2*. Tradução: Antônio Casanova. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 1999. P. 257-267.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Graal. 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes. 1983.

_____. *O Nascimento da Biopolítica: Curso no Collège de France*. São Paulo, Martins Fontes. 2008.